

Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras**Racism and stressful events: narratives of black elders****Racismo y eventos que producen estrés: narrativas de ancianos negros**Naylana Rute da Paixão Santos¹, ORCID 0000-0003-4997- 6920Dóris Firmino Rabelo², ORCID 0000-0002-0791-7781¹ *Universidade Federal da Bahia, Brasil*² *Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil***Resumo**

O objetivo foi analisar os eventos considerados estressantes por pessoas idosas negras. Participaram 11 pessoas idosas autodeclaradas negras (9 mulheres e 2 homens), com idades entre 60 a 83 anos. A estratégia metodológica utilizada foi a Entrevista Narrativa e a análise foi realizada segundo método de análise qualitativa, proposto por Schutze. Os eventos vivenciados antes da velhice envolveram conflito e violência no relacionamento conjugal, adoecimento, trabalho, morte e luto, restrições materiais, família e discriminação racial. Na velhice, permearam os temas da saúde e autonomia, descendência, afetividade e suporte social, discriminação e as condições materiais. Observou-se que as vivências ocorridas ao longo da vida apresentaram eventos não normativos marcados pelo contexto social de desenvolvimento da população negra e feminina. Os eventos da velhice abarcaram situações encontradas em outros estudos com a população idosa em geral e eventos relacionados ao racismo vigentes desde a juventude.

Palavras-chave: idoso; negro; racismo; acontecimentos que mudam o curso de vida; estresse psicológico

Abstract

The objective was to analyze the events considered stressful by black elders. Eleven self-declared black elderly people participated (9 women and 2 men), aged between 60 and 83 years. The methodological strategy used was the narrative interview and the analysis was performed according to the qualitative analysis method proposed by Schutze. The events experienced before old age involved conflict and violence in the marital relationship, illness, work, death and mourning, material restrictions, family and racial discrimination. In old age, themes of health and autonomy, descent, affectivity and social support, discrimination and material conditions permeated. It was observed that the experiences that occurred throughout life presented non-normative events marked by the social context of development of the black and female population. Old age events encompassed situations found in other studies with the elderly population in general and events related to racism in force since youth.

Keywords: elderly; blacks; racism; life-changing events; psychological stress



Resumen

El objetivo fue analizar los eventos considerados estresantes por ancianos negros. Participaron once personas mayores, autodeclaradas negras (9 mujeres y 2 hombres), con edades comprendidas entre 60 y 83 años. La estrategia metodológica utilizada fue la entrevista narrativa y el análisis se realizó de acuerdo con el método de análisis cualitativo propuesto por Schutze. Los hechos vividos antes de la vejez involucraron conflicto y violencia en la relación conyugal, enfermedad, trabajo, muerte y duelo, restricciones materiales, discriminación familiar y racial. En la vejez se presentaron los temas de salud y autonomía, descendencia, afectividad y apoyo social, discriminación y condiciones materiales. Se observó que las vivencias ocurridas a lo largo de la vida mostraron hechos inesperados, marcados por el contexto social de desarrollo de la población negra y femenina. Los eventos de vejez englobaron situaciones encontradas en otros estudios con la población anciana en general y eventos relacionados con el racismo vigente desde la juventud.

Palabras clave: anciano; negro; racismo; acontecimientos que cambian la vida; estrés psicológico

Recebido: 11/03/2021

Aceito: 22/07/2022

Correspondência: Naylana Rute da Paixão Santos, Universidade Federal da Bahia, Brasil. E-mail: naylanarute@hotmail.com

Pessoas idosas estão expostas aos diversos tipos de eventos estressantes, sejam eles normativos ou idiossincráticos, e aos seus efeitos no dia a dia que atingem elas próprias ou seus entes queridos (Umanath & Berntsen, 2018). Eventos de vida estressantes são acontecimentos sociais, psicológicos e ambientais que causam uma mudança na vida da pessoa, geram risco ao bem-estar, apresentam alta saliência emocional, trazem desafios e conduzem a estratégias de enfrentamento (Neri, 2022). Esses eventos podem ser normativos quando apresentam uma época esperada de ocorrência segundo determinado contexto sociocultural e estão ligados à socialização e à expectativas sociais; ou não normativos quando não são esperados, possuem um caráter de imprevisibilidade e incontrolabilidade e, portanto, tendem a ser vividos como mais estressantes (Neri, 2022; Neri & Fortes-Burgos, 2013).

O potencial estressor dos eventos intensifica-se na velhice porque se multiplicam as possibilidades de convivência com acontecimentos negativos, tanto esperados como inesperados, em função das mudanças sociais e na saúde associadas à velhice (Lamoureux-Lamarche & Vasiliadis, 2017; Umanath & Berntsen, 2018). Além disso, as situações vivenciadas diferem conforme raça, gênero, classe social, origem de nascimento, entre outros aspectos interseccionais (Borim et al., 2016). A velhice negra apresenta impossibilidades estruturais no seu curso de vida que limitam as condições desta população vivenciar o modelo bem sucedido de envelhecimento, uma vez que se constituem enquanto grupo minoritário, relacionado demograficamente à pobreza, baixa escolaridade e outras iniquidades sociais (Rabelo et al., 2018; Silva, 2022).

Dados apresentados na literatura (Fortes-Burgos & Cupertino, 2009; Fortes-Burgos & Neri, 2011; Neri & Fortes-Burgos, 2013; Neri et al., 2013; Neri et al., 2019) mostraram que a morte de pessoas próximas, a convivência com doenças crônicas, a diminuição da capacidade funcional, os problemas familiares e econômicos são ocorrências comuns no

envelhecimento brasileiro de modo geral. Estes estudos revelaram quais foram os eventos estressantes e sua frequência ou intensidade percebida, mas a experiência e o contexto dos eventos vivenciados por pessoas idosas de diferentes grupos raciais não ganharam destaque.

Por exemplo, estudo brasileiro (Fortes-Burgos & Cupertino, 2009) verificou a experiência de eventos estressantes normativos ou comuns ao envelhecimento, bem como aqueles não normativos vivenciados como crises, entre homens e mulheres idosas, estabelecendo uma tipologia conforme faixa etária. Foram observadas situações relacionadas à finitude (morte ou doença), problemas que afetam os descendentes, eventos relacionados ao cuidado, eventos pontuais (típicos da velhice, como a aposentadoria, ou que marcam uma perturbação no que é considerado como curso normal do desenvolvimento, como divórcio e alterações ocorridas no ambiente macrosocial) e eventos que afetam o bem-estar psicológico (ameaça ao senso de significado, sentimentos de solidão, problemas de saúde mental e crise espiritual). Os homens e mulheres de 60 a 69 enfatizaram eventos pontuais, os que tinham entre 70 a 79 ressaltaram situações relacionadas aos descendentes, e as (os) idosas (os) a partir de 80 anos enfatizaram situações relacionadas a finitude e bem-estar psicológico, sendo que as mulheres consideraram os eventos como mais estressantes do que os homens.

Estudo sobre Fragilidade em Idosos Brasileiros (Neri et al., 2013) avaliou a experiência de eventos estressantes de pessoas idosas de duas cidades brasileiras com condições socioeconômicas contrastantes. Os eventos estressantes mais citados nas duas cidades pertenciam às categorias morte e doença de ascendentes e contemporâneos, bem-estar pessoal e eventos incontroláveis que afetavam descendentes e outros entes queridos. As(os) idosas(os) da cidade com pior índice socioeconômico relataram maior número de eventos estressantes e as variáveis socioeconômicas estavam relacionadas com a quantidade e com a natureza dos eventos estressantes vivenciados. Quanto à intensidade do evento, os mais estressantes foram institucionalização dos pais, doença dos pais, morte do cônjuge, morte dos pais, morte de filho e morte de neto.

O Estudo FIBRA Campinas (Fortes-Burgos & Neri, 2011) apresentou que os eventos estressantes mais frequentes vividos por pessoas idosas foram a morte de um parente e/ou amigo, piora da memória, diminuição de atividades que gostava muito, piora no estado de saúde geral e perda do poder aquisitivo. As mulheres citaram mais eventos que acometem filhos ou netos, relataram maior número de eventos estressantes e maior intensidade na experiência das situações vivenciadas. O Estudo Fibra 80+ (Neri et al., 2019) mostrou que as mulheres longevas relataram maior número de eventos de vida estressantes durante a velhice, sendo o mais frequente a morte de um ente querido.

Os estudos citados não consideraram a raça enquanto um modulador dos eventos estressantes. É necessário pensar se os eventos considerados esperados para um determinado grupo são também normativos para outros. Acerca da trajetória de vida da população negra, considerando os sistemas estruturais de opressão que resultam em altos índices de morte, de adoecimento, de pobreza e de inacessibilidade aos espaços sociais, torna-se fundamental avaliar a conjuntura que desfavorece o desenvolvimento deste grupo, assumindo variadas formas de exclusão social (Almeida, 2019).

A interseccionalidade de gênero, raça e faixa etária constitui um intensificador do estresse, devido a inter-relação destas categorias socialmente e historicamente discriminadas, por meio das quais os indivíduos estarão mais sujeitos a potenciais estressores durante toda a trajetória de vida (Meyer, 2015). Desta maneira, é sob esta perspectiva que é relevante verificar, compreender e discutir quais são os eventos estressantes da população idosa negra, a partir de suas experiências cotidianas, considerando que as situações vivenciadas não

constituem fatos isolados em si, mas apresentam relação estreita com o sistema político, econômico, social e cultural (Borim et al., 2016).

Além de caracterizar os eventos produtores de estresse, abarcar seus significados considerando as diferentes dimensões da vida social, pode ampliar o entendimento das trajetórias de vida da população negra, levando em conta aspectos que vão desde a infância até a velhice. Possibilita ultrapassar uma perspectiva individualista sobre a ocorrência desses eventos, incluindo a conjuntura política, social e econômica na qual as pessoas idosas negras estão inseridas. Escutar a população negra idosa é um ato de reconhecimento da sua agência, é visibilizar suas experiências e interpretações quanto ao próprio processo de envelhecimento, desvelando vivências e encontrando pontos em comum e idiossincráticos. Nesse sentido, o objetivo deste estudo foi verificar quais eram os eventos considerados produtores de estresse por pessoas idosas negras e analisar os significados atribuídos aos eventos vivenciados.

Método

Tipo de Estudo

O processo de investigação foi realizado a partir de uma abordagem qualitativa e adotou um desenho exploratório. Centrou-se nas narrativas de pessoas idosas negras, por isso não buscou construir tipologias, mas sim a compreensão de acontecimentos sociais a partir das perspectivas particulares dos indivíduos. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Bahia e foram respeitados todos os princípios éticos exigidos segundo a legislação brasileira (Resolução nº 466, de 12/12/2012 do Conselho Nacional de Saúde), que trata dos riscos e dos benefícios para as pesquisas envolvendo seres humanos.

Participantes

Participaram 11 pessoas idosas, autodeclaradas negras, selecionadas em uma Unidade de Saúde de Atenção ao Idoso na cidade de Lauro de Freitas – BA. O número de participantes deu-se pelo critério de saturação, cuja suspensão de inclusão de novos participantes aconteceu quando os dados obtidos passaram a apresentar, na avaliação da pesquisadora, certa redundância ou repetição. Os dados sociodemográficos das(os) participantes estão descritos na Tabela 1.

Tabela 1*Dados sociodemográficos das pessoas idosas participantes*

Codínomes	Idade	Sexo	Est. Civil	Escolaridade	Com quem reside?	Renda familiar
Pitangueira	80	F	Divorciada	Fundamental Incompleto	Sozinha	1 sal. mínimo
Cajueiro	60	M	Divorciado	Fundamental Incompleto	Dois filhos	R\$ 1.200
Jacarandá	74	M	Casado	Nível Técnico	Esposa e neto	R\$ 8.000
Macaúba	63	F	Solteira	Médio Completo	Filha e netos	R\$ 3.000
Jabuticabeira	75	F	Solteira	Fundamental Incompleto	Sozinha	1 sal. mínimo
Guabiroba	65	F	Viúva	Fundamental Incompleto	Filhos e netos	1 sal. mínimo
Sapucaia	60	F	Solteira	Fundamental Incompleto	Sozinha	1 sal. mínimo
Aroeira	61	F	Casada	Fundamental Incompleto	Com cônjuge	Não sabe
Pitombeira	83	F	Viúva	Fundamental Incompleto	Filhos, neto e genro	1 sal. mínimo
Figueira	74	F	Divorciada	Analfabeta	Sozinha	1 sal. mínimo
Ipê	60	F	Divorciada	Fundamental Incompleto	Sozinha	Sem renda

Foi realizada uma busca ativa das pessoas idosas e este contato inicial teve por objetivo informar sobre os objetivos da pesquisa e solicitar sua participação. As(os) participantes foram escolhidas(os) por conveniência, respeitando os seguintes critérios de inclusão: pessoas com idade igual ou superior a 60 anos; que se autodeclarassem como negras e aceitassem participar da pesquisa, após tomar conhecimento do processo. Como critérios de exclusão foram considerados: possuir déficit auditivo ou visual grave, dificuldade de expressão verbal, dificuldade de compreensão ou apresentar estado de saúde física que impossibilitasse a participação na pesquisa.

Instrumentos

A estratégia para a coleta de dados utilizada foi a Entrevista Narrativa. Segundo Creswell (2014), o método das narrativas enfatiza as experiências expressas nas histórias vividas e contadas pelos indivíduos, bem como permite compreender a singularidade do sujeito e da sua experiência no contexto no qual está inserido. As entrevistas narrativas caracterizam-se como ferramentas não estruturadas, objetivando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida relacionadas ao contexto situacional.

Inicialmente foi realizado um estudo piloto com uma idosa negra, para verificar se a questão norteadora da entrevista narrativa seria pertinente para responder ao problema e ao objetivo proposto na pesquisa. A partir desse piloto foram feitos ajustes e, deste modo, a questão norteadora foi alterada para: “Gostaria que me falasse sobre sua história de vida, ressaltando as situações difíceis e estressantes que já vivenciou”; “Gostaria também que me falasse sobre o seu momento atual de vida e as situações estressantes que enfrenta hoje”.

À medida que as pessoas idosas narravam os fatos e também após a escuta das entrevistas, foi construída uma linha do tempo com a idade e o período em que ocorreu cada um dos eventos estressantes, de modo a ter uma visão geral do histórico de vida de cada participante a partir dos eventos de vida narrados, bem como do momento em que foi vivenciado. Foi sinalizado na linha do tempo o período desenvolvimental em que ocorreram (infância, juventude, vida adulta ou velhice). Nos encontros sucessivos, foi apresentada a cada participante a linha do tempo com os eventos de vida narrados e foi feita a seguinte pergunta: “O Sr./A Sra. me relatou que passou por determinada situação. Pode me dizer com mais detalhes como foi esta situação? (pessoas envolvidas, sequência de acontecimentos, contexto...)”.

Procedimentos de Coleta de dados

Antes de iniciar a coleta de dados, a pesquisadora fez três visitas prévias à Unidade de Saúde do Idoso, a primeira para conhecer a dinâmica de funcionamento, e as demais visitas para fortalecer o vínculo com seus profissionais, de modo a se inserir com mais facilidade no serviço. Após este momento inicial, foram convidadas a participar da pesquisa pessoas idosas que aguardavam na sala de espera para atendimento médico. Após identificar-se, a pesquisadora apresentou o objetivo da pesquisa, bem como verificou os critérios de inclusão e exclusão para participação, por meio de observação e breve conversa com cada pessoa idosa. Aqueles(as) que eram elegíveis e desejaram participar foram convidados(as) a se dirigirem até à sala reservada para a entrevista, espaço que limitava interrupções e onde a privacidade podia ser preservada. As entrevistas foram gravadas em áudio, através de um gravador de voz. Houve aproximadamente dois encontros para realização das entrevistas, de acordo com a necessidade de complementação dos dados.

Procedimento de Análise de Dados

Na presente pesquisa, foi utilizado o modelo de análise de entrevista narrativa proposto por Schutze (2011), que sugere as seguintes etapas:

1. Transcrição dos relatos narrados, separando os indexados dos não indexados (os indexados referem-se a situações concretas e racionais dentro da narrativa, são de ordem consensual —quem fez?, o quê?, quando?, onde?, por quê?—; enquanto os não indexados são aqueles que vão além dos acontecimentos e expressam valores, juízos e toda uma forma generalizada de “sabedoria de vida”, caracterizando-se como subjetivo).
2. No momento seguinte, utilizando o conteúdo indexado, ordenam-se os acontecimentos para cada indivíduo, o que é denominado de trajetórias.
3. O próximo passo consiste em investigar as dimensões não indexadas do texto, captando as significações atribuídas pelos indivíduos aos eventos vividos.
4. Em seguida, agrupam-se e comparam-se as trajetórias individuais.
5. O último passo é comparar e estabelecer semelhanças existentes entre os casos individuais permitindo assim a identificação de trajetórias coletivas.

Para análise do material, recomenda-se a interpretação conjunta dos aspectos relevantes tanto aos informantes como ao pesquisador, considerando o contexto pessoal, cultural e histórico do participante da pesquisa, além de sugerir a construção de uma estrutura que permita ver e compreender a sequência dos fatos, e como se situam nas narrativas (Schutze, 2011).

Resultados e Discussão

Os eventos produtores de estresse relatados foram separados em “ao longo da vida” (antes da velhice) e “na velhice” (momento atual de vida) no Quadro 1, organizados a partir de grandes temas que emergiram das narrativas das (os) participantes.

Tabela 2

Temas dos eventos estressantes relatados pelas pessoas idosas

Eventos Ocorridos ao Longo da Vida	Eventos Ocorridos na velhice
Relacionamento conjugal Violência (psicológica, física ou por abandono); criação de filhos sozinha; traição; divórcio; marido que fazia uso abusivo de álcool.	Saúde/Autonomia Adoecimento; dor crônica; polifarmácia; dependência de medicamento para ansiedade; insônia; consultas médicas constantes; perda da independência; objetos pessoais utilizados por familiares.
Adoecimento Próprio; adoecimento do marido; adoecimento físico da mãe; adoecimento psíquico da mãe; acidente.	Descendência Morte do filho; filho alcoolista, problemas relacionais com descendentes.
Trabalho Dificuldades/maus tratos no trabalho; trabalho infantil; demissão.	Afetividade/suporte social Sentir-se sozinha; baixo apoio social do filhos; não ter um cônjuge/companheiro(a), morar só; papel de cuidador(a); relacionamento conjugal conflituoso; ausência de suporte instrumental; não reconhecimento da contribuição financeira.
Morte e luto Morte de filhos; morte de outros familiares; rompimento de vínculo (expulsão da instituição religiosa).	Discriminação/racismo Mau atendimento em locais públicos; preocupar-se em “saber como se comportar nos lugares”; não cederem lugar no transporte; briga com amiga (por conta de racismo).
Restrições Materiais Passar fome; necessidades financeiras; conciliar estudo, trabalho e cuidados dos filhos.	Condições materiais Necessidades financeiras; isolamento geográfico.
Família Abandono da mãe; gravidez inesperada; baixo suporte social dos filhos.	
Mudança de casa Migração constante de casa; adaptação à uma cidade grande.	
Discriminação racial Ofensas pessoais, percepções subjetivas de discriminação, tratamento diferenciado em situações cotidianas com base na cor da pele.	

A partir do panorama dos eventos produtores de estresse apresentados, observou-se que as pessoas idosas compartilharam similaridades nas experiências, que podem estar relacionadas ao contexto social em que se inserem e as iniquidades raciais que alcançam as coletividades. Houve também situações de vida que mantiveram aspectos idiossincráticos, considerando os aspectos pessoais, bem como a própria heterogeneidade da velhice. Antes da velhice, os eventos relatados abrangeram o relacionamento conjugal especialmente das mulheres, o adoecimento, o trabalho, a morte e o luto, as restrições materiais, a família, a mudança de casa e a discriminação racial. Na velhice, permearam os temas da saúde e autonomia, descendência, afetividade e suporte social, discriminação e racismo e as condições materiais.

Foram investigados eventos estressantes de forma geral, e embora não se tenha especificado que era para a pessoa falar a partir de episódios de racismo ou misoginia, naturalmente, eles emergiram. Por exemplo, se observados os eventos ocorridos antes da velhice, estes contemplaram situações cujo marcador de gênero era acentuado. Os eventos estressantes relatados pelas mulheres envolveram situações de conflito e violência no âmbito conjugal, a criação de filhos sozinha, traições, abandonos, a convivência com um cônjuge cujo uso abusivo de álcool prejudicava as relações familiares e as péssimas condições trabalhistas. A sobrecarga no cuidado de familiares pareceu ser mais angustiante do que a enfermidade do cuidando, visto que os relatos que versavam sobre este tema traziam predominantemente em seu conteúdo a ideia de solidão no exercício dessa tarefa e o adoecimento advindo destas circunstâncias. Os dois participantes homens mencionaram o divórcio, os preconceitos raciais, a morte de um filho e o processo de adaptação à cidade grande.

Considerando a influência direta dos aspectos socioeconômicos, culturais, raciais e de gênero na produção de diferenças sobre os modos de envelhecer, nota-se que este segmento etário apresenta de modo evidente os retratos das desigualdades estruturais da sociedade (Borim et al., 2016; Lin & Kelley-Moore, 2017). No que se refere à violência conjugal, esta tem sido uma das maiores causas de morbidade em mulheres, afetando expressivamente sua saúde e ocasionando perdas na área do desenvolvimento pessoal, social, afetivo e econômico. Violência é um fenômeno complexo e universal que envolve relações sociais de opressão, intimidação, terror e medo (Leite et al., 2019).

No Brasil, as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio e violência doméstica (Carneiro, 2017; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2018). Estão mais expostas à ausência de rede de apoio ou vínculo familiar e a uma estrutura de segregação ancoradas no capitalismo e no patriarcado, o que dá uma singularidade histórica e política à violência, que potencializa as vulnerabilidades ao longo do envelhecimento dessas mulheres (Carrijo & Martins, 2020).

A violência conjugal foi um fato relatado por 7 das 9 idosas, vivenciadas antes da velhice. Violência física na área conjugal foi mencionada por Ipê (60 anos): “Oxe, apanhei foi muito, do começo ao fim, que se eu não tivesse saído, eu hoje não tava aqui falando com você”. Narrativa sobre relacionamento conjugal conflituoso na fase da velhice foi relatado por uma idosa, a única mulher do estudo com estado civil atual de casada.

As desigualdades de gênero vigentes na sociedade incidem sobre o cotidiano trabalho doméstico e de cuidado, no qual mulheres são posicionadas como as principais responsáveis (Biroli, 2018). Com relação às atividades de cuidado, 6 idosas mencionaram como evento produtor de estresse a criação de filhos sozinhas e 3 enfatizaram as dificuldades advindas do

fato de ter que conciliar, estudo, trabalho e cuidado à família. O relato de Guabiroba (65 anos) demonstra essa sobrecarga:

Depois que meu marido morreu, tive que fazer mesmo o papel de homem, de pai e tudo... E aí fui criando meus filhos adolescentes. Fui trabalhar no hospital de copeira à noite, né? E ele doente lá em casa. Aí trabalhava à noite, porque o salário antigamente era R\$130 reais e num dava pra ajudar com as crianças tudo adolescente, né? Ficava ruim. Aí fui trabalhar. Trabalhei e internando ele, tirando ele, internando ele. E minha vida foi essa, de muita labuta, né? Aí depois, ainda com isso tudo, meu pai faleceu e minha mãe adoeceu; tive que trazer minha mãe pra casa, aí completou dez pessoas em casa e eu trabalhando no hospital. Dez pessoas, tu acredita? Era muita coisa pra mim sozinha [pausa e chora] (Guabiroba, 65 anos).

O tempo que as mulheres dedicam aos afazeres domésticos e de cuidado é maior, sendo elas chefes de família ou não, ou sendo seus companheiros ocupados ou não (Lima et al., 2021). Com frequência, filhos de mulheres negras convivem com a ausência paterna, advinda de abandono, encarceramento ou morte, consequências do racismo estrutural (Almeida, 2019). Esse dado também converge com a literatura, no que tange à solidão da mulher negra, uma experiência individual, comunitária e coletiva de preterimento e rejeição, que se estabelece nas relações afetivas e nas suas famílias (Carrijo & Martins, 2020; Mizael et al., 2021). Um número significativo de mulheres lutam contra uma estrutura precarizada, sem políticas públicas que contemplem de forma satisfatória essa realidade. Estes indicadores são relevantes à medida que tais dados mostram as desigualdades de gênero e raciais ainda existentes (Gonzalez, 2020).

Vivências consideradas estressantes e desfavoráveis, no qual a intersecção entre gênero e raça também aparece em cena foram as situações de péssimas condições trabalhistas e maus tratos. Verificou-se o retrato de mães que criam seus filhos sozinhas, dividindo-se entre o trabalho doméstico e de cuidado e o trabalho fora de casa exercendo essas mesmas atividades de forma remunerada (Rabelo et al., 2018). Frente ao baixo nível de escolaridade e qualificação profissional imposto à população negra, o trabalho doméstico é uma das alternativas de ocupação possíveis para as mulheres (Almeida, 2019). Na lógica estrutural do racismo, essa ocupação é um legado histórico e escravagista, no qual elas devem ser exploradas, mal remuneradas, sem direito à vida particular e sem direito a reclamar. Transgeracionalmente esta seria sua função social, desde suas infâncias (Gonzalez, 2020; Groisman et al., 2021; Santos, 2021; Silva et al., 2017).

Historicamente, a mão de obra negra infantil e feminina foi amplamente apropriada e explorada, fato adoeedor para este grupo (Alberto et al., 2011; Santos, 2021). Das nove idosas entrevistadas, oito foram trabalhadoras domésticas, lavadeiras e/ou cuidadoras, entre as quais cinco citaram situações vexatórias das condições de trabalho, experimentadas na infância e/ou vida adulta/velhice. É importante destacar que muitas destas idosas estiveram numa condição de trabalho análoga à escravidão, algo recorrente no Brasil entre trabalhadoras domésticas (Gonzalez, 2020; Mendes & Oliveira Júnior, 2019; Peron, 2016). Situações como essa foram vivenciadas desde a infância, como pode ser observado na narrativa de Jabuticabeira (75 anos):

Tinha um fazendeiro lá do interior, com que fui morar, ele me maltratava muito [pausa e chora]. Desculpa eu chorar minha fia. Aí sim, minha comida, a que eu comia era bucho assado na brasa, bucho de boi. A filha dele me maltratava também [...]. Eu tinha uns 7 anos, por aí, eu me lembro disso, acredita? Aí quando ela chegava da cidade, passava dias lá, já desmontando do cavalo, ela já ia me batendo. Me levantavam de noite e me faziam ir pra o chiqueiro dos porcos, catar bago de jaca. Porque ela chegou e não encontrou as bacias de jaca, daí eu levantava no escuro com candeeiro [...] e aí eu ficava no meio dos porcos, catando bago de jaca. Ela me batia, me botava num banco assim enorme. Aí eu dormia nesse banco, porque eu mijava na cama. Eu me lembro que eu tinha 7 pra 8 anos, o banco era cheio de percevejo, e sofri muito na mão dessa família. Eu sofri demais. Tinha uma calçada assim, ó, ela me botava pra rancar aqueles capim, cheio de formiga, com as faquinha, num sol quente, feito uma escrava deles.

Todos estes aspectos evidenciam o caráter estressante das vivências de mulheres negras, cujos impactos se perpetuam na velhice. As negras sempre precisaram trabalhar de maneira autônoma, em condições de precariedade e informalidade para sobreviverem. Logo, mulheres negras não tiveram a opção de escolher se queriam trabalhar ou não, nem onde queriam trabalhar. O lugar de trabalho já lhes era destinado, especialmente nas áreas serviços, na lavoura e na agricultura (Gonzalez, 2020). No Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2020), mais de 65 % das trabalhadoras domésticas são mulheres negras, ganhando 15 % menos que as não negras, chefes de família e com uma jornada semanal média de 52 horas.

Eventos que acometem os descendentes também apresentaram-se como produtores de estresse. A maioria das(os) participantes relatou experiências que remetem à morte e ao luto (5 citaram morte de filhos e 3 mencionaram a morte de familiares) como fator estressante. Nas situações que envolvem descendentes, a falta de controle sobre tal situação pode ser ainda maior, o que leva as(os) idosas(os) a avaliar tais situações com um grau elevado de sobrecarga. Problemas graves de saúde ou a morte de pessoas próximas são eventos sobre os quais os indivíduos pouco têm o que fazer objetivamente, e em geral são vividos intensamente com emoções negativas, sentimentos de frustração e desamparo (Meyer, 2015).

Perder filhos e/ou netos são eventos considerados como não normativos. Contudo, essa experiência é frequente para a população negra, fenômeno descrito na literatura como genocídio negro ou necropolítica (Almeida, 2019; Gomes & Laborne, 2018; Mbembe, 2018). A mobilização emocional das(os) participantes ao mencionarem este evento como sendo difícil de lidar pode ser observada nas narrativas: “Enterrei meu filho. É triste isso. Meu filho. Uma mãe sentir isso é de doer, né?” (Pitombeira, 83 anos). “A dor de perder um filho, um não, dois filhos, é... [silencia e chora], enfim, só quem passa que sabe como é” (Macaúba, 63 anos). Macaúba teve seu filho assassinado aos 15 anos de idade: “ele tava no... como dizem né? No lugar errado, na hora errada”. Três anos depois, seu filho mais velho também foi assassinado. Esta sucessão de perdas, somada à morte de 12 irmãos e a do seu genro por motivos de doenças crônicas, geraram grande impacto na idosa que relatou “minha vida só foi perda”.

Salienta-se também as restrições materiais enquanto disparadoras de sofrimento psíquico intenso (Neri et al., 2013), sobretudo, porque este aspecto influenciava outras áreas da vida como as dificuldades no cuidado aos filhos, a má nutrição, a dificuldade para adquirir suprimentos básicos à sobrevivência. Emergiram das narrativas das(os) participantes as experiências desiguais conforme as condições financeiras, a consciência de uma história de vida marcada pela pobreza e a baixa possibilidade de mobilidade social. Almeida (2019) acentua que a raça é um fator determinante da desigualdade econômica, e que direitos sociais e políticas de combate à pobreza, em sua maioria, não levam em conta esse fator.

Os eventos ocorridos na velhice abrangeram especialmente situações já presentes em estudos gerontológicos, como o próprio adoecimento, sobretudo pela perda da independência total que outrora tinham (Neri et al., 2019; Umanath & Berntsen, 2018). Das(os) sete idosas(os) que mencionaram vivenciar alguma situação de adoecimento, cinco indicaram comorbidades (duas ou mais doenças). Os problemas de saúde citados foram a hipertensão arterial, fibromialgia, nódulos mamários, problemas cardíacos, mioma, hérnia de disco, Lesão por Esforço Repetitivo, problemas gástricos, diabetes e fratura de fêmur. A percepção dos impactos da soma das morbidades em suas vidas foi observada em falas como a de Ipê (60 anos):

Ah, minha filha, é tanta coisa, fibromialgia, hérnia, esporão nos pés, coluna, artrose, tudo que tu imaginar. Mas como Deus é poderoso, tá aceitando eu andar ainda. Muletinha aqui, muletinha acolá, mas eu tô andando [...]. É por isso que eu te digo que me considero já idosa desde os quarenta e seis anos [...]. Porque aqui ó, eu tenho que controlar meus movimentos, minhas saídas, porque é uma dor que não cessa... avemaria! [...] Eu ainda aguento me locomover e peço a Deus todo dia que não me deixe na cama. Se for para eu ficar na cama, que me leve. Porque eu sei que se agora é difícil, muito mais será parada em cima de uma cama. Vai ficar mais complicado e eu sei que não vou resistir.

Observou-se questões raciais atravessando os acontecimentos, tais como idas constantes ao médico enquanto um evento estressor, atrelada a autopercepção de mau atendimento, e as repercussões da exploração no trabalho durante a trajetória de vida no declínio funcional precoce. Sobre ser discriminada no atendimento médico, Jabuticabeira (75 anos) relatou: “Eu sei que existe o preconceito, mas a gente tem que saber como lidar, erguer a cabeça...”. Os dois participantes homens não citaram problemas de saúde.

O processo de saúde e/ou adoecimento relaciona-se a um conjunto de fatores socioeconômicos e culturais que influenciam na integridade física, psicológica, individual e coletiva. Neste sentido, as condições de inserção social, somadas às condições de moradia, renda, saúde, localização geográfica são elementos que determinam o acesso a bens e serviços de saúde (Lin & Kelley-Moore, 2017). A exclusão social, o preconceito e a discriminação também repercutem nas condições de saúde. Relatar múltiplas fontes de discriminação cotidiana foi um preditor estatisticamente significativo do risco de mortalidade por todas as causas entre pessoas idosas negras e essa associação permaneceu significativa após ajustes para características comportamentais, econômicas e de saúde (Cobb et al., 2022). Estes aspectos inevitavelmente vão impactar na velhice de pessoas idosas negras, que sentirão os impactos em relação à expectativa de vida, morbimortalidade, saúde mental, além de outras áreas (Rabelo et al., 2018; Silva, 2022).

O isolamento geográfico e o sentimento de solidão, potencializado pelo baixo suporte social, também foram citados, corroborando estudos com a população idosa (Neri & Fortes-Burgos, 2013). Tal como observado na fala de Aroeira: “Me sinto muito sozinha, sabe? Meus filhos tão vivendo a vida deles, mas cada um tem que seguir, né? Eu passo meu dia assim, em casa, fazendo as coisas de casa”. Neste contexto, é importante ressaltar a solidão da mulher negra, enquanto um aspecto marcador dos relacionamentos ou da falta deles durante sua trajetória de vida (Gonzalez, 2020). Pitangueira residia num sítio sozinha, “só eu e Deus”, pois os filhos sobreviventes não davam o suporte que precisava. Acentuou que não deveria ficar sozinha por recomendação médica, uma vez que sua condição de saúde a limitava de realizar atividades intensas “mas a gente sozinha, faz o quê?”

A maioria das participantes sentia-se sozinha na velhice, fato não apenas atrelado à falta de um (a) parceiro (a) sexual e afetivo (a), mas associado, sobretudo, a um conjunto de fatores que envolvem baixo apoio familiar, especialmente de filhos; ausência de suporte instrumental; não reconhecimento do papel importante exercido pelas idosas que contribuem financeiramente para o sustento da casa. Se observadas as trajetórias de vidas destas mulheres negras que hoje chegaram à velhice, a solidão já se apresentava em situações vivenciadas desde a infância. Por exemplo, o abandono familiar que fez muitas dessas mulheres migrarem de casa constantemente, a gravidez inesperada na adolescência, e a materialização da ausência de suporte no momento da morte de um cônjuge.

A vivência de discriminação racial foi enfatizada como evento estressante, antes e durante a velhice. A auto percepção de discriminação, ora pela cor da pele, ora pela faixa etária foi vivenciada em serviços públicos ou em relações interpessoais de amizade ou trabalho. Um idoso mencionou uma situação em que uma pessoa para quem ele estava prestando serviço, saiu e deixou objetos de valor sobre a mesa, o que gerou surpresa: “Oxe! Primeira vez que isso me aconteceu! Ele foi, pegou o material na rua e voltou de boa [...] quem é que vai sair e largar o celular lá na mesa pra uma pessoa assim como eu?” (Cajueiro, 63 anos). Jacarandá (74 anos) relatou: “Isso do negro aí no Brasil, ele precisa fazer e dar dele 3 vezes mais [...] não é fácil para as pessoas de cor na cidade grande, estrangeiro, não é fácil”.

Outras situações relacionadas ao racismo foram narradas apresentando a interseccionalidade entre idade, gênero e raça. Jabuticabeira (75 anos) citou: “Quem quer saber de idoso e preto e pobre, ainda por cima? As pessoas rejeitam mesmo, principalmente se você não tiver instrução...”. Macaúba (63 anos) ressaltou: “Eu acho que é mais difícil hoje como mulher negra, não só pela cor, mas porque a gente é muito cobrada, e desvalorizada”. A idosa Figueira (74 anos) relatou: “Acho que é por eu ser tudo: pobre, preta, velha. Aí eles acham que nosso trabalho é inferior”.

Os dados indicaram a diversidade na experiência de eventos estressantes para adultos negros mais velhos. A população negra se insere nos segmentos mais subalternizados, e, portanto, mais exposta à marginalização, a eventos traumáticos, a abusos e ao sofrimento psíquico (Lin & Kelley-Moore, 2017; Silva, 2022). A exclusão cotidiana de oportunidades e a discrepância nas possibilidades de ascensão entre população branca e a não branca interfere, assim, nas trajetórias de vida e na saúde física e mental (Gonzalez, 2020). Tendo em vista os eventos mencionados, observa-se que as vivências ocorridas ao longo da vida apresentaram eventos não esperados, tais como a morte de descendentes, o trabalho infantil e as situações de violação de direitos, marcados pelo contexto social de desenvolvimento da população negra e feminina. Enquanto que os eventos da velhice abarcaram situações encontradas em outros estudos com a população idosa em geral, como os problemas de saúde, porém com os atravessamentos das desigualdades raciais e de gênero. Foram observados, também, eventos

que continuaram vigentes na vida das (os) idosas (os), como o adoecimento, relacionamento conjugal conflituoso, necessidades financeiras e situações de discriminação. A análise destes eventos não pode ser realizada deslocada do contexto sociopolítico que influencia diretamente nas vivências individuais e coletivas da população idosa negra.

Tendo em vista os aspectos interseccionais de raça, gênero e faixa etária, observa-se que o entrelaçamento destas categorias desprivilegia este grupo que historicamente vivencia situações de iniquidades que se refletem nos âmbitos educacionais, relacionais, trabalhistas e de saúde, impactando de maneira significativa a subjetividade desta população. Naturalizando sua condição, muitas vezes não encontra outros caminhos possíveis como modo de viver. Este fato é reforçado pela própria estrutura política e social que marginaliza os grupos minoritários, sendo, portanto, altamente estressor e adoecedor para esta população (Almeida, 2019; Cobb et al., 2022). No caso das mulheres negras, a trajetória de vida desigual se inicia na infância, e durante o curso de vida se potencializa, influenciando sobremaneira a velhice destas.

Ressalta-se algumas limitações deste estudo. O número de encontros por participante e a baixa adesão de homens idosos foi limitante, de maneira que uma quantidade maior possibilitaria maior profundidade de detalhes. Este estudo avança ao contemplar a raça, ampliando o entendimento sobre as repercussões sociais, físicas e psíquicas do racismo estrutural sobre o envelhecimento da população negra. Os aspectos aqui discutidos, também pretendem gerar reflexão sobre a importância da revisão de práticas e comportamentos que perpetuam a violência racial, por meio de omissões, restrições e ações que fomentam o racismo. Sugere-se que estudos futuros sejam realizados considerando-se raça/etnia, acrescidos de outros aspectos interseccionais como orientação sexual, religião e região de moradia. Bem como realizar estudos comparativos, entre homens e mulheres mais velhos, entre pessoas brancas e negras com diferentes condições socioeconômicas, fatores que certamente levarão a compreensão ampliada da heterogeneidade da velhice.

Considerações finais

Inevitavelmente, a análise qualitativa das entrevistas destacou a condição de mulheres idosas negras. Essa problematização decorreu do fato delas serem a maioria das entrevistadas, mas sobretudo, por terem experimentado a atuação do racismo intercalada com a lógica patriarcal desde o início de suas vidas. Os resultados mostraram que os eventos vivenciados ao longo da vida (antes da velhice), envolveram eventos não normativos, tais como situações relacionadas à violência doméstica, à morte de descendentes, à criação de filhos sem apoio, ao histórico de abandono, às péssimas condições trabalhistas, maus tratos e exploração desde a infância, restrições materiais e discriminação racial. Na velhice, permearam os temas da saúde e autonomia, descendência, afetividade e suporte social, marcadas pelo contexto social de desigualdades raciais e de gênero. Os eventos de vida estressantes comuns à etapa da velhice abarcaram situações encontradas em outros estudos com a população idosa em geral e eventos que continuaram vigentes desde a juventude, como o adoecimento, relacionamento conjugal conflituoso, necessidades financeiras e situações de discriminação.

Financiamento

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Brasil (CAPES), Código de Financiamento 001.

Referências

- Alberto, M. F. P., Santos, D. P., Leite, F. M., Lima, J. W., & Wanderley, J. C. V. (2011). O trabalho infantil doméstico e o processo de escolarização. *Psicologia & Sociedade*, 23(2), 293-302. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822011000200010>
- Almeida, S. L. (2019). *O que é racismo estrutural?* Letramento.
- Biroli, F. (2018). *Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil*. Boitempo.
- Borim, F. S. A., Santimaria, M. R., & Moretto, M. C. (2016). Efeitos da pobreza e da desigualdade social sobre a saúde dos idosos. Em E. V. Freitas & L. Py (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (4º ed., pp. 1542-1546). Guanabara.
- Carneiro, S. (2017). *Mulheres Negras e Violência Doméstica: decodificando os números*. Geledés Instituto da Mulher Negra. <https://acortar.link/xDxvW0>
- Carrijo, C. & Martins, P. A. (2020). A violência doméstica e racismo contra mulheres negras. *Revista Estudos Feministas*, 28(2), e60721. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260721>
- Cobb, R. J., Sheehan, C. M., Louie, P., & Erving, C. L. (2022). Multiple reasons for perceived everyday discrimination and all-cause mortality risk among older black adults. *The Journals of Gerontology: Series A*, 77(2), 310-314. <https://doi.org/10.1093/gerona/glab281>
- Creswell, J. W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Penso.
- Fortes-Burgos, A. C. G. & Cupertino, A. P. F. B. (2009). Avaliação subjetiva dos efeitos de eventos de vida estressantes relacionados à finitude em idosos residentes na comunidade. *Geriatria & Gerontologia*, 3(2), 85-94.
- Fortes-Burgos, A. C. G. & Neri, A. L. (2011). Experiência de eventos estressantes. Em A. L. Neri & M. E. Guariento (Eds.), *Fragilidade, saúde e bem-estar em idosos: dados do estudo FIBRA Campinas* (pp. 225-238). Alínea.
- Gomes, N. L. & Laborne, A. A. P. (2018). Pedagogia da crueldade: racismo e extermínio da juventude. *Educação em Revista*, 34, e197406. <https://doi.org/10.1590/0102-4698197406>
- Gonzalez, L. (2020). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Zahar.
- Groisman, D., Romero, D., Andrade, Z. P., Araujo, A. B., Araujo, G. C. L., Barros, H., Bernardo, M. H. J., Cavaletti, A. C. L., Damacena, G. N., Passos, R. G., Santos, A. G. S., Souza Júnior, P. R. B., & Travassos, R. (2021). *Cuida-Covid: Pesquisa nacional sobre as condições de trabalho e saúde das pessoas cuidadoras de idosos na pandemia. Principais resultados*. https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/Relat%C3%B3rio_CUIDA_COVID_05_10_2021.pdf
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2020). *Microdados da PNAD Contínua Trimestral*. NPEGen.

- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada & Fórum Brasileiro de Segurança Pública. (2018). *Atlas da violência*. https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/180604_atlas_da_violencia_2018.pdf
- Lamoureux-Lamarche, C. & Vasiliadis, H. M. (2017). Lifetime traumatic events, health-related quality of life, and satisfaction with life in older adults. *Quality of Life Research*, 26, 2683-2692. <https://doi.org/10.1007/s11136-017-1593-6>
- Leite, F. M. C., Luis, M. A., Amorim, M. H. C., Maciel, E. L. N., & Gigante, D. P. (2019). Violência contra a mulher e sua associação com o perfil do parceiro íntimo: estudo com usuárias da atenção primária. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 22. <https://dx.doi.org/10.1590/1980-549720190056>
- Lima, B. L. S., Barreto, E. S., Silva, L. D., Santos, S. I., & Silva, W. A. S. (2021). Mercado de trabalho e gênero: desigualdade e estereótipos. *Caderno De Graduação -Ciências Biológicas e da Saúde*, 6(3), 85-94.
- Lin, J. & Kelley-Moore, J. (2017). Intraindividual variability in late-life functional limitations among white, black, and Hispanic older adults. *Research on Aging*, 39(4), 549-572. <https://doi.org/10.1177/0164027516655583>
- Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. N-1 Edições.
- Mendes, A. C. F., & Oliveira Júnior, J. M. (2019). Trabalho escravo contemporâneo: desumanização seletiva da trabalhadora doméstica. *Revista do Mestrado em Direito da UFS*, 8(01), 51-74.
- Meyer, I. H. (2015). Resilience in the study of minority stress and health of sexual and gender minorities. *American Psychological Association*, 2(3), 209-213. <https://doi.org/10.1037/sgd0000132>
- Mizael, T. M., Barrozo, S. C. V., & Hunziker, M. H. L. (2021). Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. *Revista da ABPN*, 13(38), 212-239.
- Neri, A. L. & Fortes-Burgos, A. C. G. (2013). A Dinâmica do Estresse e Enfrentamento na Velhice. Em E. V. Freitas & L. Py (Eds.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (3^o ed., pp. 2084-2102). Guanabara Koogan.
- Neri, A. L. (2022). Teorias psicológicas do envelhecimento: percurso histórico e teorias atuais. Em E. V. Freitas & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (5^o ed., pp.1224-1234). Guanabara Koogan.
- Neri, A. L., Assumpção, D., & Borim, F. S. A. (2019). *Octogenários em Campinas: dados do FIBRA 80+*. Alínea.
- Neri, A. L., Fortes-Burgos, A. C. G., Fontes, A. P., Santos, G. A., & Araújo, L. F. (2013). Eventos de vida, estratégias de enfrentamento e fragilidade: dados de Parnaíba e Ivoti. Em A. L. Neri (Ed.), *Fragilidade e Qualidade de Vida na velhice* (pp. 299-320). Alínea.
- Peron, R. C. A. B. (2016). O trabalho doméstico análogo à condição de escravo como exemplo de trabalho forçado ainda existente no Brasil. Em E. M. Baracat & G. G. Feliciano (Eds.), *Direito penal do trabalho: reflexões atuais* (pp. 107- 118). LTr.
- Rabelo, D. F., Silva, J., Rocha, N. M. F. D, Gomes, H. V., & Araújo, L. F. (2018). Racismo e envelhecimento da população negra. *Revista Kairós*, 21(3), 193-215.
- Santos, J. A. S. (2021). Mulheres negras e trabalho doméstico: racismo e desigualdades na pandemia do covid-19. *O Público e o Privado*, 19(40), 25-47. <https://doi.org/10.52521/19.7344>

- Schutze, F. (2011). Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. Em W. Weller & N. Pfaff (Eds.), *Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática* (2º ed., pp. 210-222). Vozes.
- Silva, A. (2022). População negra: das iniquidades históricas à busca pela cidadania plena na velhice. Em E. V. Freitas & L. Py (Orgs.), *Tratado de Geriatria e Gerontologia* (5º ed., pp.1336-1344). Guanabara Koogan.
- Silva, C. L. L., Araujo, J. N. G., Moreira, M. I. C., & Barros, V. A. (2017). O trabalho de empregada doméstica e seus impactos na subjetividade. *Psicologia em Revista*, 23(1), 454-470. <http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2017v23n1p454-470>
- Umanath, S. & Berntsen, D. (2018). Some personal life events are more prominent than others: younger and older adults agree on which life events matter most. *Memory Studies*, 13(4), 551-569. <https://doi.org/10.1177/1750698017754250>

Como citar: Da Paixão Santos, N. R. & Firmino Rabelo, D. (2022). Racismo e eventos produtores de estresse: narrativas de pessoas idosas negras. *Ciencias Psicológicas*, 16(2), e-2494. <https://doi.org/10.22235/cp.v16i2.2494>

Participação dos autores: Participação dos autores: a) Planejamento e concepção do trabalho; b) Coleta de dados; c) Análise e interpretação de dados; d) Redação do manuscrito; e) Revisão crítica do manuscrito.

N. R. P. S. contribuiu em a, b, c, d, e; D. F. R. em a, c, d, e.

Editora científica responsável: Dra. Cecilia Cracco.